

Análise da Agricultura do Nordeste no Início do Século XXI

Wendell Márcio Araújo Carneiro

Economista, Mestre em Economia Rural, Doutorando em Geografia
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB
wendellmac@bnb.gov.br

Yago Carvalho Lima

Graduando em Economia.
Jovem Aprendiz do ETENE/BNB
yagolima517@gmail.com

Resumo

A agricultura da Região Nordeste do Brasil tem experimentado relativa evolução em sua produção nos últimos anos, mesmo tendo a Região área substancial de caatinga, que em boa extensão possui solo inadequado para a atividade, bem como sofre efeitos severos de estiagem. No entanto, políticas voltadas para estimular a produção agrícola em perímetros irrigados reverteram parte dessas limitações. Outras áreas do Nordeste também se destacam na atividade agrícola, a exemplo dos cerrados e zona da mata, também alvo de políticas creditícias. Analisar o comportamento da agricultura nordestina nos primeiros anos do Século XXI, de 2002 a 2017, é o objetivo deste trabalho. Como metodologia, fez-se levantamento bibliográfico e análise tabular dos dados para compreender esta evolução. Percebeu-se que, apesar das adversidades climáticas, a agricultura nordestina tem se diversificado, com a expansão das frutícolas nos perímetros irrigados, bem como grãos e fibras nos cerrados. A cultura da cana de açúcar tem reduzido sua importância econômica, sendo substituída paulatinamente por atividades mais rentáveis, assim como atividades tradicionais da agricultura familiar, a exemplo da mandioca. O desempenho favorável se deu em maior parte na agricultura empresarial, o que não ocorreu com a agricultura de pequeno porte e familiar, que tiveram maiores perdas com as secas dos últimos anos na Região.

Palavras-chave

Nordeste, Agricultura, Panorama

1 Introdução

A Região Nordeste do Brasil é composta por nove Unidades da Federação, apresenta uma diversidade fitogeográfica que lhe dá ampla possibilidade de produção agrícola. O território nordestino, terceiro maior complexo regional, com 1.554.293 km², limita-se com as regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste, além de ser banhado pelo Oceano Atlântico.

Dos seis grandes biomas brasileiros continentais, Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa, o Nordeste apresenta quatro deles, caracterizado em maior parte pela Caatinga, que ocupa 54% do território da Região, seguido do Cerrado com 27%, Mata Atlântica, que corresponde a 11% e Amazônia, que ocupa 8% (MIRANDA, 2015).

A Região Nordeste caracteriza-se por receber considerável incidência solar, tendo em vista sua posição geográfica. A Região está localizada na zona intertropical da Terra, e assim, por causa da quantidade de luz que incide na superfície do local, a temperatura é em geral elevada durante o ano. Identificam-se três tipos de climas no Nordeste: tropical, semiárido e equatorial.

A diversidade de biomas no Nordeste permite que haja potencialidade na agricultura, especialmente em algumas culturas que, usando irrigação apropriada, destacam-se por gerar colheitas de até três safras

por ano, como a cultura do milho e do feijão. Outras culturas permitem que tenha a colheita durante o ano todo, em destaque o plantio das frutícolas e hortaliças.

Especificamente em relação à agricultura, a Região apresenta uma variedade de culturas, cabendo destacar a produção da cana-de-açúcar, que é o principal produto agrícola em termos de volume, cultivado principalmente em Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Porém, existem outros cultivos importantes, a exemplo da soja e milho, na Bahia, Maranhão e Piauí. O algodão é cultivado na Bahia, e em menor escala no Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte.

Além disso, o Nordeste produz algumas variedades de lavouras permanentes: banana, laranja, coco, manga, uvas, mamão e outros frutos, cuja produção é encontrada principalmente na Bahia, Ceará, Sergipe, Pernambuco e Rio Grande do Norte, para consumo interno e exportação. Há também o plantio de cacau, que ocorre majoritariamente em Ilhéus e Itabuna, na Bahia.

O próximo capítulo analisa a evolução da agricultura do Nordeste no presente século, destacando a produção, a área colhida e a produtividade das principais culturas, bem como o valor da produção. Sintetiza-se o capítulo com as considerações finais.

2 Evolução da Agricultura

2.1 Brasil e Nordeste

Historicamente, a representação do Nordeste na produção agrícola nacional tem oscilado, tanto em função da ascensão e posterior declínio de ciclos produtivos, a exemplo da cana-de-açúcar, quanto em relação a fatores climáticos, expansão da fronteira agrícola, aporte de investimentos, adoção de tecnologias modernas, oferta de capacitação, assistência técnica, cooperativismo e estrutura fundiária, dentre outros fatores.

Embora diversas culturas mereçam destaque no Nordeste, a representação da mencionada Região decresceu para 7,6% em 2017, ante 15,5% em 2002, em termos de produção. Este resultado ocorreu em virtude do expressivo aumento da área e produção no Centro-Oeste do País.

A expansão da fronteira agrícola para os cerrados nordestinos é digna de nota, embora o referido crescimento não tenha conseguido acompanhar o incremento das lavouras em outras regiões. De modo geral, o Nordeste obteve redução na área colhida (-2,1%) das lavouras entre 2002 e 2017 e na quantidade produzida (-2,3%), porém com aumento no valor da produção, de +11,5% no período.

Estes resultados são indicativos dos efeitos climáticos das secas que ocorreram nos últimos anos, principalmente em 2017, que afetou os percentuais comparativos, principalmente nas culturas que se encontram na porção semiárida da Região. A produção nos Cerrados sofre menos interferência negativa dessas condições climáticas adversas, o que pode explicar o aumento no valor da produção, uma vez que as lavouras mais expressivas em termos monetários se encontram nos Cerrados e Mata Atlântica.

Apesar dos resultados positivos, a Região perdeu espaço no contexto macrorregional, cuja representação reduziu para 11,4% em 2017 ante 15,7% em 2002, no que se refere ao valor da produção agrícola nacional. Isto ocorreu em função do incremento alcançado pelas outras regiões, principalmente o Centro-Oeste, que elevou para 26,3% sua participação nacional ante 18,3% no início da série. Juntamente com o Nordeste, a Região Sul também apresentou declínio (para 26,8% ante 29,3%). A reconfiguração da produção agrícola, direcionando-se para o Centro-Oeste e o Norte do País, possibilitou esse comportamento, com a introdução maciça das lavouras de algodão, milho e principalmente soja nessas áreas.

Tabela 1 – Área colhida, quantidade produzida e valor da produção das culturas temporárias e permanentes - Brasil e Regiões - 2002 e 2017

Brasil e Grandes Regiões		Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Área colhida (Mil ha.)	2002	53.159	2.205	11.031	11.105	17.649	11.168
	(%)Brasil	100,0	4,1	20,8	20,9	33,2	21,0
	2017	78.191	4.023	10.803	14.757	21.149	27.460
	(%)Brasil	100,0	5,1	13,8	18,9	27,0	35,1
	Var.(%)	47,1	82,4	-2,1	32,9	19,8	145,9
Quantidade produzida (Mil t)(1)	2002	535.091	11.657	83.169	284.758	87.297	68.211
	(%)Brasil	100,0	2,2	15,5	53,2	16,3	12,7
	2017	1.074.859	25.973	81.266	579.411	139.439	248.771
	(%)Brasil	100,0	2,4	7,6	53,9	13,0	23,1
	Var.(%)	100,9	122,8	-2,3	103,5	59,7	264,7
Valor da produção (R\$ Milhões)	2002	207.141	8.327	32.612	67.529	60.692	37.981
	(%)Brasil	100,0	4,0	15,7	32,6	29,3	18,3
	2017	319.627	22.622	36.369	91.016	85.677	83.944
	(%)Brasil	100,0	7,1	11,4	28,5	26,8	26,3
	Var.(%)	54,3	171,7	11,5	34,8	41,2	121,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da Produção Agrícola Municipal (2017)

Nota: (1) Foram excluídas as quantidades produzidas de abacaxi e coco-da-baía, por suas unidades estarem em mil frutos; (2) Valor da produção de 2002 atualizado pelo IGP-DI acumulado de 2017.

A área colhida do Nordeste decresceu 0,14% ao ano entre 2002-2017, enquanto nas regiões Centro-Oeste e Norte ocorreram expansões em suas áreas em 6,2% a.a. e 4,1% a.a., respectivamente. O Sudeste e o Sul também obtiveram crescimento, porém mais modestos, em virtude de suas já consolidadas estruturas de produção. O melhor ano em termos de área colhida no Nordeste ocorreu em 2011, quando a Região alcançou 12,8 milhões de hectares, enquanto o pior resultado ocorreu em 2016, sob os efeitos da seca que perduraria até 2018. A quantidade produzida seguiu semelhante tendência, com redução de 0,15% a.a. no Nordeste e substanciais incrementos no Centro-Oeste (9,0% a.a.) e Norte (5,5% a.a.). O valor da produção do Nordeste, apesar de incremento de 0,73% a.a. no período analisado, não conseguiu acompanhar o desempenho das outras regiões, que apresentaram variações acima de 2,0% a.a., destacando-se o Norte, com alta de 6,9% a.a. no valor da produção.

2.2 Nordeste e Estados

Quando se analisa o comportamento da agricultura do Nordeste por Estado, quanto à área colhida, identificam-se como destaques o Piauí, Maranhão e Sergipe, cujas áreas evoluíram 69,0%, 40,1% e 23,5% entre 2002 e 2017, respectivamente (Tabela 2). A cultura da soja foi o carro-chefe para o crescimento das áreas no Piauí e Maranhão, enquanto o milho foi o destaque em Sergipe. Em contraponto, os outros Estados do Nordeste apresentaram declínio em suas respectivas áreas colhidas, em virtude principalmente dos efeitos da estiagem nesse período, o que desestimulou o aumento de áreas na caatinga, principal bioma das referidas Unidades Federativas. A Bahia, por apresentar biomas mais diversificados, obteve menor perda de área (-2,5%), mantendo-se como a maior área colhida regional (3,8 milhões de hectares, 35,4% do Nordeste).

Considerando-se que a cana-de-açúcar apresenta maior volume de produção por hectare, aqueles Estados que se sobressaem nessa cultura são os mais representativos no Nordeste em termos de quantidade produzida de lavouras, como por exemplo, Alagoas, o qual representou 22,5% da quantidade produzida da agricultura regional em 2017, seguido de Bahia (22,2%) e Pernambuco (17,8%). No entanto, os maiores destaques quanto à variação na quantidade produzida foram Piauí (317,5%) e Maranhão (94,7%), principalmente pela abertura de novas áreas de plantio em seus cerrados.

A respeito do valor da produção das Unidades da Federação, observa-se que o Piauí foi o Estado que mais se destacou entre 2002 e 2017, passando de 1,7% para 10,5%, principalmente por conta de sua maior participação na produção de grãos. Embora sua participação no valor da produção regional tenha se reduzido de 2002 (51,4%) para 2017 (42,4%), a Bahia continua sendo o principal gerador de valor na agricultura regional, alcançando R\$ 15,4 bilhões em suas lavouras, valor 8,0% inferior ao alcançado em 2002, que foi de R\$ 16,8 bilhões. Outro destaque em valor da produção entre 2002 e 2017 foi o Maranhão. Seu desempenho nesta variável alcançou incremento de 82,3%, passando de R\$ 2,5 bilhões para R\$ 4,5 bilhões no período.

Tabela 2 – Área colhida, quantidade produzida e valor da produção das culturas temporárias e permanentes - Nordeste e Estados - 2002 e 2017

Nordeste e UF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	NE	
Área colhida (Mil ha.)	2002	1.325	943	1.957	474	532	942	662	275	3.920	11.031
	(%) NE	12,0	8,6	17,7	4,3	4,8	8,5	6,0	2,5	35,5	100,0
	2017	1.856	1.594	1.522	238	317	629	486	340	3.821	10.803
	(%) NE	17,2	14,8	14,1	2,2	2,9	5,8	4,5	3,1	35,4	100,0
Var. (%)	40,1	69,0	-22,2	-49,7	-40,5	-33,2	-26,6	23,5	-2,5	-2,1	
Quantidade produzida (Mil t)(1)	2002	4.304	1.183	4.210	3.863	5.847	19.446	25.772	2.593	15.953	83.169
	(%) NE	5,2	1,4	5,1	4,6	7,0	23,4	31,0	3,1	19,2	100,0
	2017	8.377	4.937	2.731	4.875	5.655	14.453	18.317	3.895	18.025	81.266
	(%) NE	10,3	6,1	3,4	6,0	7,0	17,8	22,5	4,8	22,2	100,0
Var. (%)	94,7	317,5	-35,1	26,2	-3,3	-25,7	-28,9	50,2	13,0	-2,3	
Valor da produção (R\$ Milhões)	2002	2.498	563	2.608	1.207	1.467	3.636	2.843	1.013	16.778	32.612
	(%) NE	7,7	1,7	8,0	3,7	4,5	11,1	8,7	3,1	51,4	100,0
	2017	4.553	3.825	2.711	1.411	1.186	3.797	2.193	1.261	15.433	36.369
	(%) NE	12,5	10,5	7,5	3,9	3,3	10,4	6,0	3,5	42,4	100,0
Var. (%)	82,3	579,3	3,9	16,9	-19,1	4,4	-22,9	24,5	-8,0	11,5	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da Produção Agrícola Municipal (2017).

Nota: (1) Foram excluídas as quantidades produzidas de abacaxi e coco-da-baía, por suas unidades estarem em mil frutos; (2) Valor da produção de 2002 atualizado pelo IGP-DI acumulado de 2017.

2.3 Nordeste e principais culturas

Quando se analisa a área colhida das principais culturas regionais entre 2002 e 2017, as lavouras temporárias que obtiveram incremento foram: algodão (+291,4%); soja (+175,3%); melancia (+64,9%); e milho (+0,8%). Contudo, as áreas colhidas de mandioca (-41,2%) e cana-de-açúcar (-15,0%) diminuíram. Na mesma perspectiva, analisando-se as lavouras permanentes, a área colhida do plantio de uva (+66,4%), manga (+27,4%) e banana (+6,5%) cresceram, diferentemente da cultura do mamão (-28,5%), coco-da-baía (-23,0%) e laranja (-8,0%) que apresentaram reduções (Tabela 3).

Quanto à produção das culturas temporárias para o mesmo período, soja (+348,6%), algodão (+291,4%), milho (+185,7) e melancia (+64,9) se destacaram por terem as maiores produções em suas respectivas categorias. Concomitantemente, enfatizando as lavouras permanentes, as culturas que se sobressaíram em crescimento ao longo do período analisado foram especialmente as frutícolas, a exemplo da produção de uva (+265,2%), manga (+47,2%) e banana (+2,2%).

Quanto aos ganhos de produtividade, entre 2002 e 2017, os principais avanços regionais foram identificados na uva (+119,5%), manga (+15,6%), coco-da-baía (+7,3%), milho (+1,8%), algodão (+1,5%) e soja (+0,6%). Entretanto, houve perdas em produtividade nas lavouras de laranja (-18,6%), mamão (-6,7%), banana (-4,0%) e mandioca (-0,2%).

A cultura da uva vem apresentando resultados favoráveis ao longo desses anos, em virtude do desenvolvimento de cultivares mais adaptadas à Região, aliado ao uso de técnicas modernas de produção.

No Nordeste, houve incremento de 494,7 mil toneladas ou 265,2% na produção, alcançando 681,2 mil toneladas em 2017, ante 186,5 mil toneladas em 2002.

O algodão é uma das fibras mais cultivadas no mundo, sendo uma das principais cadeias produtivas do agronegócio brasileiro. A cotonicultura brasileira é tecnificada, dispendo de moderno pacote tecnológico e de insumos. No Nordeste, a produção de algodão alcançou 922,1 mil toneladas em 2017, ante 235,6 mil toneladas em 2002. Isto representa aumento de 291,4% ou 686,5 mil toneladas no período. Atualmente, o Nordeste é a segunda maior produtora do País, perdendo apenas para o Centro-Oeste.

A soja é uma espécie leguminosa de ciclo anual (de 90 a 160 dias), rica em proteína. É largamente usada na alimentação humana, na forma de óleo, grãos, farelo e alimentos processados, bem como na ração animal, para bovinos, suínos e aves. O Brasil é o maior exportador e o segundo maior produtor mundial de soja, perdendo apenas para os Estados Unidos. No Nordeste, a cultura da soja cresceu de forma significativa nos Cerrados, principalmente pelas condições climáticas favoráveis, o padrão tecnológico empregado e a robustez de sua cadeia produtiva, com mercado crescente. Como observado na Tabela 3, a produção cresceu 348,6%, alcançando 9,4 milhões de toneladas em 2017, em comparação com 2,1 milhões de toneladas em 2002.

O Nordeste tem ainda predominância, em relação à produção nacional, na cultura de sisal (100,0%), castanha de caju (98,8%), melão (95,2%), mamona (94,9%), fava (92,4%), manga (74,7%), coco-da-baía (74,0%), maracujá (60,9%), goiaba (46,6%) e cacau (45,1%). Em consonância, outras culturas que se destacam no Nordeste em relação à produção nacional são: abacaxi (39,6%), banana (33,7%), melancia (28,7%), algodão (24,0%), mandioca (20,6%), soja (8,3%), cana-de-açúcar (6,6%) e milho (6,5%).

Tabela 3 – Área colhida, produtividade e quantidade produzida das principais culturas temporárias e permanentes - Nordeste - 2002 e 2017

Culturas	Área colhida (ha)			Produtividade (kg/ha)			Quantidade Produzida (ton)		
	2002	2017	Var. (%)	2002	2017	Var. (%)	2002	2017	Var. (%)
Lavoura temporária									
Cana-de-açúcar	1.096.827	932.746	-15,0	54.453	53.449	0,0	59.725.897	49.854.291	-16,5
Soja (em grão)	1.124.750	3.096.975	175,3	1.882	3.067	0,6	2.117.026	9.497.022	348,6
Milho (em grão)	2.358.192	2.377.350	0,8	939	2.662	1,8	2.215.541	6.328.867	185,7
Mandioca	772.984	454.157	-41,2	10.694	8.548	-0,2	8.266.588	3.881.931	-53,0
Algodão herbáceo (em caroço)	235.577	922.092	291,4	1.619	4.065	1,5	235.577	922.092	291,4
Melancia	402.345	663.458	64,9	17.648	17.997	0,0	402.345	663.458	64,9
Lavoura permanente									
Banana (cacho)	176.539	188.041	6,5	12.477	11.976	-4,0	2.202.735	2.251.907	2,2
Laranja	110.874	102.012	-8,0	15.246	12.415	-18,6	1.690.459	1.266.525	-25,1
Coco-da-baía	232.241	178.840	-23,0	6.023	6.463	7,3	1.398.951	1.155.783	-17,4
Manga	37.191	47.376	27,4	14.835	17.145	15,6	551.764	812.275	47,2
Uva	6.238	10.377	66,4	29.905	65.652	119,5	186.548	681.272	265,2
Mamão	21.478	15.367	-28,5	43.807	40.893	-6,7	940.906	628.404	-33,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da Produção Agrícola Municipal (2017).

No tocante ao valor da produção, a soja e o algodão se destacaram por terem as maiores variações entre 2002 e 2017, conforme a Tabela 4. Em 2002, soja e algodão correspondiam a 9,2% de participação sobre o valor total da produção. Em 2017, os mesmos produtos passaram a ter 17,1% de participação, resultado do incremento no plantio empresarial de algodão no Estado da Bahia e da soja nos Estados do Piauí, Maranhão e Bahia. Cabe destacar, ainda, o crescimento do plantio da soja no Nordeste nesse período, ultrapassando a cultura da cana-de-açúcar em termo de valor da produção.

No caso da soja no Nordeste, esta acumulou incremento de 300,5% no período, para R\$ 9,8 bilhões em 2017, em contraste com R\$ 2,5 bilhões em 2002, o que a fez passar da terceira para a primeira posição regional em termos de valor da produção. Já o algodão apresentou um salto maior, passando da décima

sexta para a quinta posição entre os maiores valores da produção agrícola regional, alcançando R\$ 2,2 bilhões em 2017, ante R\$ 546,8 milhões em 2002, incremento de 296,3%.

Outros produtos de destaque regional em 2017, embora com algumas reduções de valores em relação a 2002, foram a cana-de-açúcar (2ª maior valor, com R\$ 4,1 bilhões, mas queda de 45,9%); milho (3ª maior valor, com R\$ 3,1 bilhões, ganho de 41,4%); banana (4ª maior valor, com R\$ 2,6 bilhões, ganho de 21,2%); mandioca (6ª maior valor, com R\$ 2,1 bilhões, porém com queda de 40,2%); uva (7ª maior valor, com R\$ 1,5 bilhão, ganho de 107,4%); feijão (8ª maior valor, com R\$ 1,2 bilhão, porém com recuo de 51,1%); café (9ª maior valor, com R\$ 1,0 bilhão, incremento de 55,9%).

Tabela 4 – Valor da produção e participação das principais culturas temporárias e permanentes - Nordeste - 2002 e 2017

Culturas	Valor da Produção (mil R\$)			Participação (%)	
	2002 ⁽¹⁾	2017	Var. (%)	2002	2017
Lavoura temporária	22.785.295	26.243.164	15,2	69,9	72,2
Soja (em grão)	2.458.947	9.849.038	300,5	7,5	27,1
Cana-de-açúcar	7.653.049	4.139.524	-45,9	23,5	11,4
Milho (em grão)	2.185.187	3.090.245	41,4	6,7	8,5
Mandioca	3.455.999	2.065.849	-40,2	10,6	5,7
Algodão herbáceo (em caroço)	546.818	2.166.839	296,3	1,7	6,0
Melancia	259.271	322.858	24,5	0,8	0,9
Outros	6.226.025	4.608.811	-26	19,1	12,7
Lavoura permanente	9.826.912	10.126.195	3,0	30,1	27,8
Banana (cacho)	2.125.339	2.576.860	21,2	6,5	7,1
Uva	729.416	1.512.880	107,4	2,2	4,2
Coco-da-baía	1.005.968	794.472	-21	3,1	2,2
Manga	610.134	741.135	21,5	1,9	2,0
Mamão	876.969	546.705	-37,7	2,7	1,5
Laranja	715.278	543.252	-24,1	2,2	1,5
Outros	3.763.808	3.410.891	-9,4	11,5	9,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da Produção Agrícola Municipal (2017). Nota: (1) Valor da produção de 2002 atualizado pelo IGP-DI acumulado de 2017.

O Nordeste ampliou seu valor da produção agrícola em 11,5% entre 2002 e 2017, alcançando R\$ 36,4 bilhões em 2017, em contraste com R\$ 32,6 bilhões em 2002 (Tabela 5). Nos Estados, vale destacar o desempenho da cultura da soja no Piauí, a qual apresentou valor da produção de R\$ 2,2 bilhões em 2017, ante R\$ 111,4 milhões em 2002, representando variação de 1.874,2%. Este resultado proporcionou ao Piauí passar da última posição para o terceiro Estado com maior valor (Tabela 2). Apesar de possuir menor valor de produção, o milho também apresentou forte aumento ao longo do período, de 1.105,3%, alcançando R\$ 810,0 milhões em 2017.

No Maranhão, também se sobressaem os aumentos nos valores da produção das culturas da soja e do milho. A cultura da soja obteve incremento de 316,8%, atingindo R\$ 2,3 bilhões em 2017, ante R\$ 557,1 milhões em 2002, enquanto que o milho alcançou 149,5% de variação, para R\$ 657,1 milhões em 2017, em contraste com R\$ 263,3 milhões em 2002. Isto fez o Estado subir da quinta para a segunda posição em termos de valor da produção regional.

Na Bahia, soja (R\$ 5,3 bilhões), algodão (R\$ 1,9 bilhão) e café (R\$ 1,0 bilhão) são os principais produtos da agricultura em valor de produção, os quais apresentaram ganhos significativos, embora a produção estadual tenha recuado 8,0% entre 2002 e 2017. Os Estados que possuem bioma de cerrados, a Bahia inclusive, apresentam perfis produtivos similares, com predominância dos grãos dentre seus produtos agrícolas.

Os Estados com predominância de caatinga apresentam maior diversidade em seus produtos agrícolas, com destaque para frutas, grãos, cana-de-açúcar e tubérculos. O Ceará tem a banana como seu principal produto agrícola em termos de valor, com desempenho em 2017, 174,1% superior a 2002, alcançando R\$ 638,7 milhões. No Rio Grande do Norte, apenas a cana-de-açúcar (R\$ 394,7 milhões) é superior às frutícolas em valor de produção, com destaque para o melão (R\$ 256,7 milhões). Na Paraíba, o abacaxi se sobressai, com valor de R\$ 369,3 milhões, após superar a cana-de-açúcar (R\$ 318,9 milhões) como principal item da agricultura paraibana no período. Caso semelhante observado em Pernambuco, no qual a cana-de-açúcar (R\$ 1,1 bilhão) perdeu espaço em termos de valor para a uva (R\$ 1,3 bilhão), que se tornou o principal produto agrícola do Estado. Em Sergipe, a predominância ocorre na produção de milho (R\$ 450,7 milhões), com forte incremento de 910,1% entre 2002 e 2017, destituindo a laranja (R\$ 169,9 milhões) da primeira posição em seu ranking agrícola.

A cana-de-açúcar continua sendo o principal produto agrícola apenas em Alagoas, cujo valor alcançou R\$ 1,3 bilhão em 2017, apesar de uma queda significativa de 44,1% em relação a 2002, o que denota forte concentração da atividade agrícola neste produto. A mandioca, segundo maior produto em termos de valor no Estado, por exemplo, alcançou R\$ 316,3 milhões em 2017.

Tabela 5 – Valor da produção (em R\$ milhões) e participação das principais culturas temporárias e permanentes - Nordeste e Estados - 2002 e 2017

Região/UF Produto	2002	2017	Var (%)	Região/UF Produto	2002	2017	Var (%)
Nordeste	32.612,2	36.369,4	11,5	Paraíba	1.466,6	1.186,3	-19,1
Soja	2.458,9	9.849,0	300,5	Abacaxi	291,0	369,3	26,9
Cana-de-açúcar	7.653,0	4.139,5	-45,9	Cana-de-açúcar	428,3	318,9	-25,5
Milho	2.185,2	3.090,2	41,4	Banana	192,3	134,4	-30,1
Banana	2.125,3	2.576,9	21,2	Mandioca	69,5	94,9	36,6
Algodão herbáceo	546,8	2.166,8	296,3	Feijão	153,3	51,2	-66,6
Maranhão	2.498,2	4.553,3	82,3	Pernambuco	3.636,1	3.796,9	4,4
Soja	557,1	2.322,2	316,8	Uva	359,6	1.273,1	254,1
Milho	263,3	657,1	149,5	Cana-de-açúcar	1.574,8	1.111,0	-29,5
Mandioca	341,8	491,9	43,9	Banana	275,5	376,5	36,7
Cana-de-açúcar	228,1	369,0	61,8	Manga	201,4	210,5	4,5
Arroz	707,0	216,6	-69,4	Goiaba	94,1	200,5	113,2
Piauí	563,1	3.825,0	579,3	Alagoas	2.843,4	2.192,5	-22,9
Soja	111,4	2.199,3	1.874,2	Cana-de-açúcar	2.239,0	1.251,4	-44,1
Milho	67,2	810,0	1.105,3	Mandioca	157,4	316,3	101,0
Feijão	87,5	232,6	165,9	Banana	38,2	137,4	260,1
Cana-de-açúcar	29,2	104,8	259,0	Coco-da-baía	36,9	91,2	146,9
Arroz	91,2	97,1	6,5	Abacaxi	9,4	84,6	802,7
Ceará	2.608,1	2.710,5	3,9	Sergipe	1.012,6	1.261,0	24,5
Banana	233,0	638,7	174,1	Milho	44,6	450,7	910,1
Feijão	474,0	309,9	-34,6	Laranja	288,4	169,9	-41,1
Castanha de caju	286,7	284,1	-0,9	Coco-da-baía	103,8	146,2	40,9
Tomate	120,1	247,3	105,9	Mandioca	126,9	137,6	8,5
Milho	565,8	233,2	-58,8	Cana-de-açúcar	103,8	137,5	32,5
Rio grande do Norte	1.206,6	1.410,5	16,9	Bahia	16.777,6	15.433,4	-8,0
Cana-de-açúcar	210,5	394,7	87,5	Soja	1.789,8	5.326,3	197,6
Melão	331,5	256,7	-22,6	Algodão herbáceo	438,2	1.937,5	342,2
Banana	105,4	189,7	80,0	Café	652,7	1.034,0	58,4
Melancia	27,7	102,9	272,0	Banana	1.003,5	931,8	-7,1
Abacaxi	79,1	74,3	-6,1	Milho	935,2	860,9	-7,9

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da Produção Agrícola Municipal (2017)

Nota: (1) Valor da produção de 2002 atualizado pelo IGP-DI acumulado de 2017.

3. Considerações Finais

Por conta das adversidades climáticas que assolaram o Nordeste neste período de análise, percebe-se que as culturas que apresentaram desempenho positivo foram aquelas relacionadas à produção nos Cerrados, no caso de sequeiro, e as culturas irrigadas, por sofrerem menos com as estiagens. Por outro lado, aquelas que são produzidas em sequeiro na Caatinga apresentaram perdas significativas, a exemplo da mandioca. Outras tiveram desempenho menos favoráveis, a exemplo da cana-de-açúcar e laranja, cujas produções no Sudeste do País obtiveram expansão.

O que se extrai desses números é que a cultura da cana-de-açúcar, um dos principais produtos agrícolas do Nordeste, tem perdido espaço para lavouras mais rentáveis, a exemplo da fruticultura e dos grãos. Semelhante tendência vem ocorrendo com as culturas de sequeiro que não obtiveram expressivos ganhos tecnológicos na produção regional ao longo desse período, como a mandioca e o feijão. Somente em alguns locais específicos, verifica-se ganhos de produtividade em virtude da melhoria no processo produtivo, a exemplo da adoção da irrigação em áreas mais suscetíveis à seca.

Merece destaque a diversificação das atividades agrícolas no Nordeste, com o incremento da colheita de frutícolas que atualmente despontam entre os maiores valores produzidos, a exemplo da uva, melão e manga, além de outras frutas consideradas tradicionais na Região, como a banana e o coco-da-baía. Contudo, o maior destaque se observa no crescimento acelerado na produção de grãos e fibras nos Cerrados nordestinos, com aumento significativo na produção de soja, milho e algodão. Considerados umas das novas fronteiras agrícolas nacionais, os Cerrados possuem condições favoráveis ao desenvolvimento das culturas de sequeiro, bem como à introdução de culturas irrigáveis.

Vale registrar para o Nordeste, como fato relevante, a grande desigualdade de produtividade e de renda no campo, o que tem sido imposto ao fato de a maior parte dos pequenos produtores não ter condições de adotar novas tecnologias. Essa “não adaptação” é consequência de inúmeros fatores, como o elevado custo de incorporação de novas técnicas de produção, baixa escolaridade e carência de políticas públicas (BEZERRA et al., 2015).

O plantio empresarial foi o grande responsável pela expansão que ocorreu em diversas culturas na Região Nordeste. A ampliação na área de plantio contribuiu de forma significativa para o aumento da produção. As inovações tecnológicas que contribuíram para o aumento da produtividade ainda não foram amplamente disseminadas no Nordeste. Contudo, é notável a potencialidade do Nordeste quando investimentos produtivos, a exemplo de irrigação artificial, capacitação, assistência técnica e práticas cooperativas são adotadas na Região (BEZERRA et al., 2015).

4 Referências

BEZERRA, F. J. A. et al (org.). **Perfil socioeconômico da Bahia**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2015.

MIRANDA, Evaristo de et.al. **Desafios e Oportunidades para o Desenvolvimento Agropecuário e Social nos Biomas do Nordeste Brasileiro**. GITE; EMBRAPA, abr. 2015. Disponível em: https://www.embrapa.br/gite/projetos/nordeste/150408_NORDESTEMAPA.pdf. Acesso em: 25 jun. 2019.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL. Anual. Rio de Janeiro: SIDRA, 2017. *Online*. Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: 8 jul. 2019.